

Adolescência no Semi-árido: um olhar para o Futuro

No Brasil 43,2% dos analfabetos de 12 a 17 anos estão no Semi-árido. São mais de 390.000 adolescentes que não tiveram a oportunidade de acesso à escola..



Foto: Harald Schistek

A adolescência é uma fase especial de afirmação da autonomia do indivíduo, vital para o exercício da cidadania e de seus múltiplos direitos. Caracteriza-se por uma etapa do desenvolvimento humano repleta de mudanças e transformações múltiplas e fundamentais para que o ser humano possa atingir a maturidade e se inserir na sociedade no papel de adulto¹.

Os adolescentes representam quase 13% da população do Brasil². De acordo com dados do Censo 2000, no Brasil existem 21.283.860 e, no Semi-árido, 3.844.350 pessoas na faixa etária de 12 a 17 anos. Os adolescentes do Semi-árido representam 18,06% do total do Brasil, significando que dois em cada onze adolescentes brasileiros estão no Semi-árido. Para a própria região, um em cada sete habitantes é adolescente, maior que a média nacional que é de um em cada oito. É um contingente populacional mais representativo local que nacionalmente e diverso por sua própria natureza.

Adolescência e Educação

O sistema educacional prevê uma adequação entre a idade e a série a ser cursada de forma que a educação infantil compreenda as crianças de 0 a 6 anos de idade, o ensino fundamental envolva as crianças de 7 a 14 anos e os adolescentes de 15 a 17 anos estejam associados ao ensino médio³.

O ensino médio no Semi-árido está longe de ser uma realidade. Enquanto no Brasil, 4,24% das pessoas de 12 a 17 anos são analfabetas, no Semi-árido é mais que o dobro – 10,15%. São mais de 390 mil pessoas analfabetas, com idade entre 12 e 17 anos.

No Semi-árido, 90% das cidades apresentam percentual de analfabetos superior à média de 4,2% do restante do país, sendo que 55% dos municípios têm mais de 10% de adolescentes não-alfabetizados. Outro dado negativo para a região – 43,2% dos analfabetos brasileiros de 12 a 17 anos estão no Semi-árido.

O número de anos de estudo revela uma adolescência relativamente menos escolarizada que a média nacional. Além do alto número de analfabetos, a média de

No Brasil 4,24% das pessoas de 12 a 17 anos são analfabetas.

No Semi-árido este percentual cresce para 10,15%.

São mais de 390.000 analfabetos com idade entre 12 e 17 anos

¹ Unicef, Relatório da Situação da Adolescência Brasileira, 2002 e Grupo Técnico para Elaboração de Propostas de Políticas para Adolescentes de Baixa Escolaridade e Renda, 2002.

² Informe "Unicef no Brasil 2002".

³Unicef. Relatório da situação da infância e adolescência brasileira 2003 (versão preliminar).

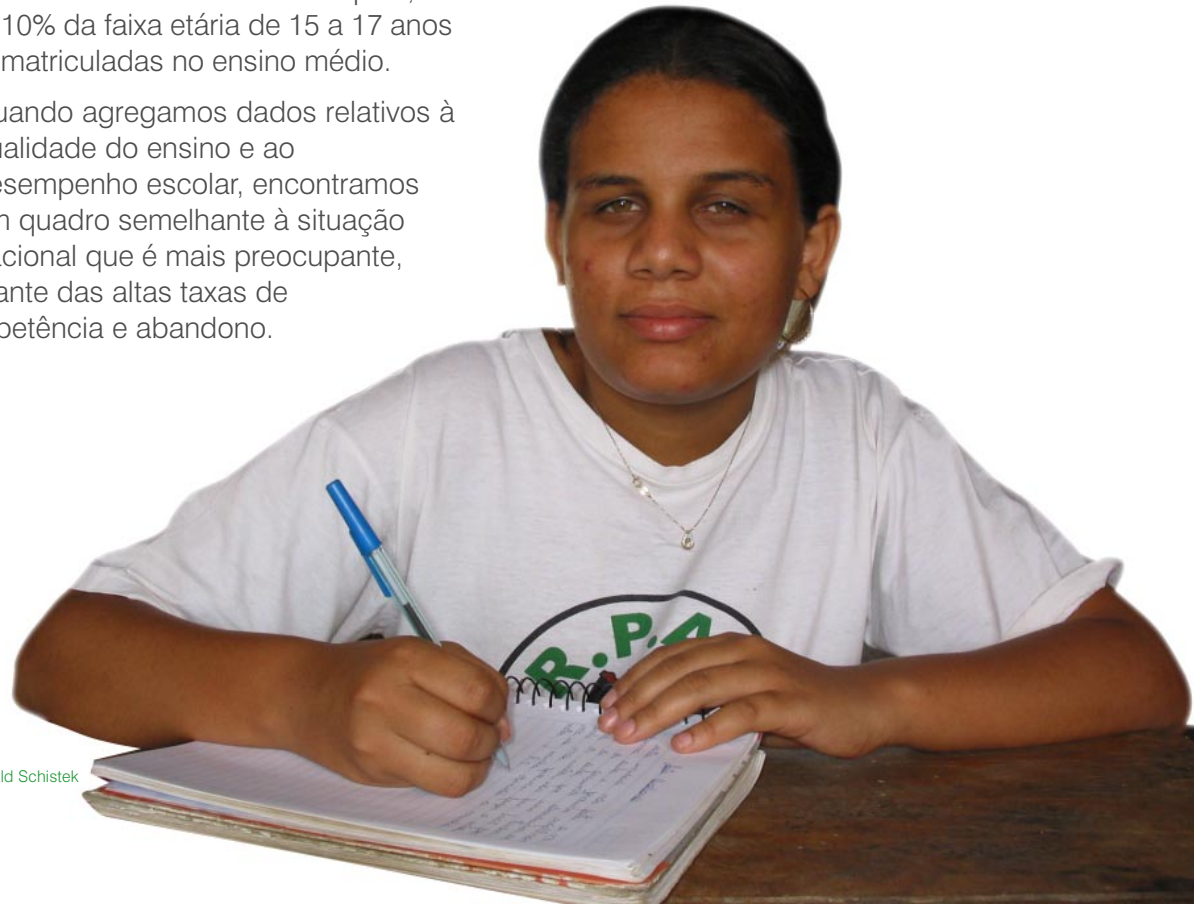
**43,2% dos
analfabetos de
12 a 17 anos
brasileiros estão
no Semi-árido.**

anos de estudo é de 4,08. No Brasil, este tempo é bem maior - 5,39 anos. Para o Semi-árido, mais de 98% das cidades estão abaixo deste patamar e quase 60%, da população desta faixa etária, apresenta menos de 4 anos de estudo.

Na questão da universalização do acesso ao ensino médio, ao observar a realidade da grande maioria dos municípios do Semi-árido brasileiro, temos os seguintes dados:

- Em apenas 50 municípios, mais de 10% dos jovens que terminaram o ensino fundamental tinham entre 14 e 15 anos.
- 99,2% apresentam média de matriculados inferior ao patamar médio do Brasil (33,3% de adolescentes de 15 a 17 anos matriculados no ensino médio);
- Em quase 11% das cidades não se identificou pessoas de 15 a 17 anos matriculadas no ensino médio;
- Mais da metade dos municípios, não tinham 10% da faixa etária de 15 a 17 anos matriculadas no ensino médio.

Quando agregamos dados relativos à qualidade do ensino e ao desempenho escolar, encontramos um quadro semelhante à situação nacional que é mais preocupante, diante das altas taxas de repetência e abandono.



No ensino médio, a maior taxa de abandono está no Rio Grande do Norte, seguido da Paraíba, Minas Gerais, Piauí e Pernambuco, todos acima da média da região Semi-árida. Os estados com maior taxa de reprovação são Piauí e Alagoas, ambos com 6,4%, seguidos do Maranhão, Bahia e Rio Grande do Norte. Em média a maioria está com desempenho superior ao Brasil, exceto no item abandono (talvez devido ao trabalho precoce).

Tabela 11 - Ensino Médio e Rendimento Escolar nos Estados do Semi-árido

ESTADOS	Taxa de Aprovação	Taxa de Reprovação	Taxa de Abandono
Alagoas	76,4	6,4	17,3
Bahia	83,1	4,5	12,4
Ceará	82,4	3,4	14,2
Maranhão	82,0	5,6	12,4
Minas gerais	79,4	1,7	18,9
Paraíba	77,1	3,9	19,0
Pernambuco	78,7	3,2	18,2
Piauí	75,2	6,4	18,4
Rio G. do Norte	75,6	4,4	20,1
Sergipe	81,5	3,7	14,9
Semi-árido	79,1	4,3	16,6

Fonte: INEP, Censo escolar, 2000. Cálculos do autor.

Violência e Gravidez na Adolescência

Em meio a uma série de dados negativos ou abaixo da média nacional, o Semi-árido revela um contraponto interessante. Em 934 municípios do Semi-árido (77% do total), um aspecto positivo se destacou – o baixo índice de óbitos por causas externas. O total de óbitos representou, 10,7% do ocorrido, quando a faixa etária de 12 a 17 anos corresponde a quase 18,4% do total do país. Enquanto a média nacional é de 43,7 óbitos por causas externas para cada 100.000 jovens de 12 a 17 anos, a média do

Semi-árido é de 26. As mortes por causas externas são divididas em mortes por homicídio (40,5%), acidentes em meios de transporte (23,5%), afogamento acidental (13,4%), suicídios (3,7%).

Há um baixo índice de violência juvenil, uma característica que pode ser atribuída ao baixo índice de urbanização da região semi-árida e à cultura e hábitos locais de convivência em família, apesar das inúmeras dificuldades já apontadas neste trabalho.

A assistência à gestante adolescente não se apresenta tão inferior à média brasileira. Em apenas 67 cidades (4% do total), mais de 30% das gestantes não realizaram nenhuma consulta pré-natal.

A média nacional é de 6,3% das adolescentes sem acompanhamento adequado. Pouco mais de setecentas cidades, que representam 52% dos municípios da região semi-árida, estão acima deste índice.

Em 501 municípios analisados, não foram identificadas adolescentes grávidas sem o devido acompanhamento pré-natal. Quando agregadas as informações da assistência ao número de filhos de gestantes adolescentes do Semi-árido, verificamos que a questão da maternidade juvenil nesta Região é relevante, mas não é mais grave do que a situação nacional. No ano de 2000, do total brasileiro de filhos de gestantes adolescentes, 17,5% estavam no Semi-árido, número um pouco menor que a participação delas no total nacional (18,4%).

O Trabalho Infantil

Quando crianças e adolescentes trabalham, aprofunda-se a defasagem de sua família, de seu grupo social e de sua comunidade em relação ao futuro e ao desenvolvimento. Não há para elas as mesmas oportunidades de crescimento, as mesmas chances no mercado de trabalho, pois estão deixando de ter direito à escola, ao aprendizado, ao lazer e ao direito de viver com qualidade, contidos na Constituição Brasileira de 1988. O trabalho de crianças e adolescentes é uma realidade para milhões de crianças e adolescentes no país.

O impacto na educação é imediato. Duas de cada 10 crianças trabalhadoras não freqüentam a escola. A taxa de analfabetismo entre essas crianças atinge 20,1%, contra 7,6% no caso das crianças que não trabalham. Na faixa etária dos 15 aos 17 anos, a situação é pior. Entre os adolescentes que trabalham, somente 25,5%

conseguiram concluir os oito anos de escolaridade básica. Entre os adolescentes que não trabalham, este percentual chega a 44,2%⁴.

O trabalho infantil precoce é ainda mais grave no Semi-árido: 13,48% das crianças e adolescentes de 10 a 15 anos da região trabalham. Observa-se também que até entre as crianças vindas das famílias de maior renda, a prática do trabalho também ocorre. As tabelas 12 e 13 apresentam a situação do trabalho infantil para os diferentes grupos de rendimentos.

Tabela 12 - Ocupados 10 a 15 anos. Semi-árido e Brasil

Ocupados de 10 a 15 anos	20% mais ricos	20% mais pobres
Brasil	4,38	10,34
Semi-árido	8,10	16,02

Fonte: IBGE. Tabulação Especial. Censo 2000.

Tabela 13 - Ocupados 10 a 15 anos. Semi-árido e Brasil: Urbano e Rural

Ocupados de 10 a 15 anos	20% mais ricos	20% mais pobres
Brasil	6,01	17,66
Semi-árido	8,54	19,44

Fonte: IBGE. Tabulação Especial. Censo 2000.

48

A tabela 14 apresenta a situação do trabalho de acordo com a porção semi-árida de cada Estado, o número e o percentual de municípios que possuem proporção de crianças de 10 a 15 anos no trabalho infantil acima da média do Semi-árido. Novamente, verifica-se que a prática do trabalho infantil está disseminada na região.

⁴Intormativo Unicef no Brasil, 2002.

Tabela 14 - Ocupados de 10 a 15 anos. Total de Municípios acima da Média do Semi-árido e Percentual do Total de Municípios Pertencentes ao Semi-árido

	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	MG	Total
Número	17	132	101	33	119	80	40	18	116	32	688
% do AS	68,0	61,6	56,4	20,2	53,6	55,1	78,4	50,0	41,5	37,2	49,1

Fonte: IBGE. Tabulação Especial. Censo 2000.

Alagoas é o estado do Semi-árido onde o trabalho infantil é mais presente. Quase 80% dos seus municípios têm média de ocupados acima da média do próprio Semi-árido (49,1%). É seguido pelo Maranhão e Piauí, com mais de 60% dos municípios nesta situação. O Rio Grande do Norte é o único estado a não acompanhar a tendência do Semi-árido nordestino, uma vez que “apenas” 20% dos municípios têm média superior à do Semi-árido brasileiro.

Já quanto ao trabalho juvenil (adolescentes de 16 e 17 anos ocupados) é mais presente no Semi-árido do que no Brasil. A média nacional é de quase 30% de ocupados entre 16 e 17 anos enquanto que no Semi-árido este percentual sobe para 32%.

Políticas Públicas para a Adolescência do Semi-árido

Por ocasião da Oficina Regional para América Latina e Caribe, realizada em 1999, o Unicef indicou uma Agenda para formulação de políticas apropriadas para esta faixa etária, com as seguintes linhas estratégicas:

1. Participação autônoma dos adolescentes;
2. Universalização do ensino médio;
3. Fortalecimento das famílias;
4. Estabelecimento de sistemas de justiça penal juvenil;
5. Promoção da saúde sexual e reprodutiva em um marco dos Direitos Humanos;
6. Estímulo à criação e expressão cultural e artística.

Essas seis linhas indicam uma preocupação regional do Unicef e seus inúmeros parceiros, governamentais e não-governamentais, com a formação de políticas

Quase 29% do total de ocupados do Brasil está no Semi-árido na faixa etária de 10 a 15 anos.

São mais de 317.000 crianças e adolescentes trabalhadoras na região.

adequadas para os adolescentes do Semi-árido. A Oficina demonstrou a necessidade de focar políticas na erradicação do analfabetismo e do trabalho infantil, aliadas a uma melhoria das condições de ensino de qualidade e acesso universal. No ano de 2000, existiam 1,9 milhão de jovens de 15 a 17 anos e apenas 1 milhão de vagas no ensino médio. Se todos os jovens estivessem aptos a cursar o ensino médio no Semi-árido, faltaria mais de 1 milhão de vagas.

As políticas públicas adequadas, aliadas à capacidade mobilizadora do povo, à quase ausência de violência juvenil e um enorme potencial cultural, somados aos espaços livres para o incentivo ao esporte e lazer como atividades complementares à escola, podem reverter a dura realidade dos números aqui apresentados.

Para reduzir o trabalho infantil, é preciso seguir uma abordagem integrada, partindo da identificação das crianças que trabalham, da sensibilização da sociedade sobre os danos morais, físicos e intelectuais provocados pelo precoce trabalho infantil, adaptação das escolas para receber essas crianças, com atividades culturais, esportivas, educativas e de lazer, complementada por políticas públicas que garantam às suas famílias, direito ao trabalho, educação, saúde e habitação, com pleno exercício de cidadania.



Foto: Harald Schistek